

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 24 - número 47- março 2015

vol. 24 - número 47- março 2015

Fundação Eng. António de Almeida



RECENSÕES

Giulio Busi – Raphael Ebgi, *Giovanni Pico della Mirandola. Mito, magia, qabbalah*, Einaudi, Torino 2014, pp. CVI – 454.

Acaba de ser publicado na editora Einaudi o livro *Giovanni Pico della Mirandola. Mito, magia, qabbalah*. Trata-se de um importante trabalho composto a quatro mãos de Giulio Busi e Raphael Ebgi. A obra integra-se na série “I Millenni” (“Os Milénios”), uma das colecções mais elegantes e influentes da cena editorial e cultural italiana. Os dois autores, que trabalham juntos no Instituto de Hebraística da “Freie Universität” de Berlim (de que o próprio Busi é diretor), assumiram a tarefa de delinear e esboçar a mais complexa e articulada imagem do erudito e humanista italiano, sobretudo se comparada com as que surgiram até ao presente na historiografia filosófica.

Quem foi, de facto, realmente Giovanni Pico della Mirandola? Pode ser apenas considerado como o resultado de uma passiva συλλογή escolástica, uma fortaleza medieval no coração do Renascimento italiano? E ainda: o Conde de Mirândola é, quiçá, o quarto das maravilhas (*Wunderkammer*) onde se encontram muitas das curiosidades herdadas ao longo do tempo em tradições culturais minoritárias? Ou não é, talvez, finalmente e ao mesmo tempo, um dos representantes mais respeitados de toda a história do pensamento italiano?

Giovanni Pico é, provavelmente, dada a riqueza e profundidade da sua reflexão, todas estas coisas – sem, porém, poder ser reduzido a uma delas. Os três termos – *mito*, *magia* e *kabbalah* – que compõem o subtítulo do volume são, portanto, a tentativa de colher uma parte da riqueza do universo piquiano, ao restituir um pensamento amplo e variado. O mito, a magia e a *kabbalah* representam então uma perfeita triangulação para encerrar novos cenários e novas interpretações da reflexão do Conde italiano. A este respeito, para além do erudito ensaio de Giulio Busi, o livro é composto de várias entradas editadas por Ebgi (“*Apolo*”, “*Baco*”, “*Caracteres*”, “*Jano*”, “*Júpiter*”, “*Saturno*”, e muitas outras), e pelo mesmo Busi (“*Beijo*”, “*Qabbalah*”, “*Cobras, Almas e Veneno*”, “*Vinho*”), que têm o objetivo de dar ao leitor, a partir de ângulos diferentes, o universo simbólico de Pico. Eis como ao saber enciclopédico do erudito italiano se junta

uma pequena enciclopédia – literária, histórica, mitológica, figurativa e simbólica – a muitas vozes, particularmente úteis para desenhar o quadro filosófico do Renascimento do século XV.

Em 1486, um ano decisivo para o Conde e para toda a cultura renascentista e Ocidental, Pico trabalhou na redação do *Commento sopra una canzone d'amore*, das *Conclusiones* e do *Oratio de hominis dignitate*. O volume de Busi e Ebgi concentra-se, em particular, neste ano da graça, apesar de não renunciar a felizes incursões na vasta bibliografia piquiana. Foi sempre naquele ano, de facto, que Pico aprofundou, em particular sob a orientação de Flavio Mitridate, os seus estudos no campo da mística judaica e das línguas orientais (hebraico, árabe e aramaico). A descoberta piquiana da *kabbalah* representa um dos aspectos mais originais das *Conclusiones*, que estenderam o cânone humanista também ao mundo semita. Giovanni Pico foi o primeiro a delinear a possibilidade concreta de uma *kabbalah* cristã. Esta inédita hermenêutica piquiana, no entanto, não é um exercício de contemplação pura e simples, pois tinha uma finalidade eminentemente “operativa”, prática. A hermenêutica torna-se assim *opus*, ação, teurgia (θεουργία), e transforma-se, no essencial, numa operação mágica.

A importância prática presumida pela *kabbalah* liga-se à função atribuída por Pico à língua hebraica. O hebraico encarna a palavra de Deus, o seu original sentido criativo: como *vox* divina, precede qualquer outra linguagem mundana, e pode então mediar entre o céu e a terra, a magia e a teologia. Como realça Busi, entre a magia e a *kabbalah* há uma continuidade, e a língua hebraica é precisamente a condição de possibilidade do seu encontro, o que permite estabelecer uma relação prática entre a palavra – divina, humana – e o mundo sublunar. Ao binómio magia-*kabbalah*, acrescenta-se a interação com o elemento mitológico – salientado (poderíamos dizer: “mostrado”, com palavras e imagens) em particular por Ebgi –, uma característica típica do Renascimento, mas aqui colhida e inserida numa nova perspectiva, num universo simbólico capaz de abrir perspectivas interessantes para futuras pesquisas.

O hebraico, o alfabeto com o qual Deus se deu ao homem, abre um vislumbre para uma diferente *antropologia* filosófica. No imaginário piquiano, à luz da mediação desta linguagem comum, e de forma independente da tradição neoplatónica, que também conhece e segue, pode-se corrigir a diferença ontológica entre o Criador e as suas criaturas. De facto, o Conde de Mirândola acredita firmemente na substancial coextensão do humano e do divino. Torna-se então possível conhecer Deus, desde que se saiba onde encontrá-lo. Ao tomar literalmente a passagem do *Génesis* em que se fala de “imagem e semelhança”, o divino fica tão perto de estar enraizado no homem. Pico, acaba, portanto, por estabelecer, também graças à mediação da linguagem, uma relação íntima e essencial entre o homem e Deus, na certeza de que cada gesto do homem não é senão a réplica fiel do originário agir de Deus.

Alfredo Gatto